

**Tradução: “Lar é...”, de Sophia Cantave:  
um ensaio autobiográfico sobre a diáspora haitiana  
nos Estados Unidos**

*Camila Rodrigues Francisco*

**Resumo:** A tradução aqui apresentada objetiva fomentar o acesso às obras de escritoras haitianas, neste caso, que escrevem a partir de sua experiência em diáspora. O ensaio escolhido é de Sophia Cantave, escritora haitiana e professora residente nos Estados Unidos. A obra faz parte de um livro de poemas e ensaios intitulado *Butterfly’s Way: Voices From the Haitian Diaspora in the United States*, organizado pela renomada escritora haitiana Edwige Danticat. As autoras abordam a questão da identidade em diáspora, atravessada pelas relações cotidianas e, no texto de Cantave, intermediada pela língua e pela linguagem.

**Palavras-chave:** Diáspora haitiana; escritoras haitianas; mulheres haitianas; diáspora

---

**“Home is...” of Sophia Cantave: an autobiographic essay  
about the Haitian diaspora in United States**

**Abstract:** The main object of this translation is to put forward the access to Haitian female writers and in this particular case, those who write about their diaspora experience. This essay is from Sophia Cantave, Haitian writer and professor in United States of America. Her text is part of a book of poems and autobiographical essays titled “Butterfly’s Way: Voices From the Haitian Diaspora in the United States”, organized by the famous Haitian female writer Edwige Danticat. The authors of the book approach the identity and question about diaspora crossed by the daily relationships and in Cantave’s text precisely, it is interposed by the language.

**Keywords:** Haitian diaspora; haitian female writers; haitian women; diaspora.

## **“El lugar es...” de Sophia Cantave: un ensayo autobiográfico sobre la diáspora haitiana en Estados Unidos**

**Resumen:** El objetivo de esta traducción es fomentar el acceso a obras de escritoras haitianas, en este caso, que escriben desde su experiencia en diáspora. El ensayo escogido es de Sophia Cantave, escritora haitiana y maestra, residente en Estados Unidos. La obra es parte de un libro de poemas y ensayos intitolado “Butterfly’s Way: Voices From the Haitian Dyaspora in the United States”, organizado por la renomada escritora haitiana Edwige Danticat. Las autoras abordan el tema de la identidad en diáspora entrecruzada por las relaciones cotidianas y en el texto de Cantave, intermediada por la lengua y el lenguaje.

**Palabras clave:** Diáspora haitiana; escritoras haitianas; mujeres haitianas; diáspora.

## Apresentação

O ensaio autobiográfico, aqui traduzido, é um dos textos *Butterfly's Way: Voices From the Haitian Diaspora in the United States*, livro organizado pela escritora haitiana Edwige Danticat. O percurso de encontro deste texto foi a busca por escritos de mulheres haitianas para a elaboração da dissertação intitulada “Trajetórias em diáspora: a experiência de universitárias haitianas de Belo Horizonte” (FRANCISCO, 2019). O mergulho foi de tamanho impacto que, além de outras menções, um trecho do ensaio *Home is...* é citado na epígrafe do referido trabalho.

O livro publicado em 2001 é apenas um da extensa bibliografia de Edwige Danticat, que nasceu em Porto Príncipe e reside nos Estados Unidos desde 1981. Segundo Leila Harris, “Danticat enfatiza o performativo, re-escrevendo a história a partir de narrativas individuais e coletivas” (HARRIS, 2010, p. 31). Suas obras de ficção são: *Breath, eyes, memory* publicada em 1994; a coleção de contos *Krik? Krak!*, publicada em 1996; *The farming of bones*, romance de 1998; *The dew breaker*, publicado em 2004; *Brother, I'm dying*, de 2007; *Claire of the see light*, de 2013; *Behind the mountains* de 2014; e, em 2020, foi publicada a obra *Everything inside*. A autora possui ainda obras não-ficcionais e outros escritos.

No Brasil, sua obra foi difundida em português por meio do seu livro de memórias *Brother, I'm dying*, traduzido como “Adeus, Haiti” por Geraldo Galvão Ferraz e publicado pela Editora Agir. Em entrevista para o jornal Substantivo Plural, Danticat fala sobre como contar histórias pode ajudar a cicatrizar as feridas profundas, aliviando seu peso em um senso de comunidade, senso esse que ela aponta como uma marca do caráter haitiano (COSTA, 2010). Importa mencionar que a obra *Breath, eyes, memory* descreve, justamente, a experiência de deslocamento de uma menina haitiana para os Estados Unidos, em que se cruzam questões relativas à identidade, à violência colonial e de gênero (SANTOS, 2015).

É com esta potência que Danticat organiza o compilado de textos de mulheres haitianas em diáspora, que pode ser livremente traduzido como “Caminhos das borboletas: vozes da diáspora haitiana nos Estados Unidos” (DANTICAT, 2010). Os voos das borboletas figuram a obra, cujos textos apresentam importantes reflexões sobre a força da diáspora haitiana nos Estados Unidos. Um elemento para pensar esse fenômeno está na eleição de Mia Love como prefeita de uma cidade no estado de Utah e da primeira congressista da cidade e do Partido Republicano estadunidense, descendente de haitianos, em 2014.

Nos textos compilados, além das questões subjetivas e cotidianas da diáspora, emergem, também, questões da história do país de origem. Temos um convite a vivenciar, por meio da escrita destas mulheres, uma literatura cujos eventos históricos aparecem como importantes marcas, seja pela dor – como a ditadura no país no século XX –, seja pela força e resistência – como as menções às grandes figuras da independência haitiana, como Touissant L'Overture, Jean Jacques Dessalines e Henri Cristophe. As escolhas destas autoras nos dizem muito sobre o impacto dos processos históricos no imaginário de haitianos e haitianas.

Sophia Cantave é a autora do ensaio a seguir. Também haitiana residindo nos Estados Unidos, ela é professora no departamento de inglês da Universidade Comunitária do Bronx, em Nova York. Seu texto foi escolhido justamente pela genial capacidade da escritora em manejar os afetos diaspóricos, por vezes

conflitantes e ambivalentes, por meio da linguagem. Essa experiência atravessa o seu ser de maneira lancinante; no entanto, é na relação - com os pais, os colegas e a língua - que ela se encontra e encontra respostas para suas questões e questionamentos. Fora de casa, ela faz um percurso de saída e de retorno para encontrar o seu lar.

Ainda que o ensaio chame a atenção pela habilidade da autora em transmitir seus sentimentos e vivências pela palavra escrita - que ela usa para organizar seus fragmentos de existência - não foram encontradas, até o momento da publicação deste artigo, obras de sua autoria exclusiva<sup>1</sup>. Na literatura, entre as menções e textos da mesma, verificamos que ela participou do livro que discute a obra *Uncle Tom's Cabin*, da escritora norte-americana Harriet Beecher Stowe, no capítulo “*Who gets to create the lasting images? the problem of black representation in Uncle Tom's Cabin*”. A busca por mais preciosidades de Sophia Cantave continua. Por hora, deixo aqui o convite para a grandiosidade deste momento tão único, que é a sua escrita.

### Lar é...

Eu escrevi estas palavras na última página do “O despertar para a desconstrução” de Bárbara Johnson<sup>2</sup> no dia 16 de outubro de 1994, durante meu primeiro semestre de graduação. De repente, em uma aula teórica sobre linguagem, eu me vi sem uma língua que fosse minha. Falando inglês, quando me era exigido um vocabulário diferente, eu respondia com uma troca de códigos, apreendendo o respectivo jargão e acompanhando rapidamente a mudança. Era uma habilidade inestimável e que eu sabia, mesmo na sétima série, que poderia me impulsionar para além dos limites da Quinta Avenida do Brooklyn - onde eu cresci como a filha de imigrantes haitianos - para os corredores da educação superior na Universidade de Tufts<sup>3</sup>. Claro que, haveria um sacrifício. Somente alguns anos depois me dei conta do que era: minha língua materna. Eu não estava segura se essa língua era o crioulo<sup>4</sup>. Eu só sabia que precisava falar algo que me escapou há anos. O inglês não era minha língua materna, mas eu me fiz acreditar que era. Eu não conseguia me lembrar de um momento em que não falei inglês. *Il n'y a pas de text*. Não há texto. Esta pequena frase em francês representava toda a minha raiva. Eu vivi com esse conceito por toda a minha vida adulta e, de repente, eu não o queria mais. *Il n'y a pas de text* parecia colidir frontalmente com a minha tradução das palavras em francês na bandeira haitiana: *L'union fait la force*. A união faz a força.

Comecei a escrever sobre mim. Revendo diários e cartas que eu escrevi ao longo dos anos, eu me vi expressando repetidamente a mesma ansiedade sobre a

---

<sup>1</sup> É importante ressaltar que o acesso que temos - enquanto brasileiros e falantes/leitores da língua portuguesa - à produção de autores estrangeiros e estrangeiras de países não-hegemônicos ainda é restrito. Os textos e menções encontrados da autora estavam em inglês.

<sup>2</sup> Tradução livre do título original *The Wake of Deconstruction*, publicado em 1994, obra que estabelece diálogos com Jacques Derrida e Paul de Man sobre o conceito de desconstrução. Não foram encontradas versões do livro em português. Barbara Johnson era escritora de Literatura e Teoria Crítica Literária, professora na Universidade de Harvard e tradutora. Incorporava em suas obras e escritos questões da psicanálise laciana e teoria feminista, com base no pós-estruturalismo.

<sup>3</sup> A universidade está localizada no Estado de Massachusetts, há aproximadamente 350 km da Quinta Avenida no Brooklyn, no Estado de Nova York, onde a autora viveu e a família morava.

<sup>4</sup> Língua oficial haitiana, escrita em inglês *kreyol* pela autora e *créole* no original.

língua, o desafio de manter uma parte essencial de mim enquanto me modelava e buscava por uma total fluidez. Ao fazer traduções simultâneas de qualquer coisa, inclusive de maneiras para conversar com minha mãe sobre os dizeres da bandeira haitiana, sentia-me flutuando entre fragmentos que estava sempre rearranjando. Para manter o controle destes fragmentos, tinha diários. Eu acreditava antes, e tenho certeza agora, de que a palavra escrita, em qualquer formato, me permite unir os pedaços dispersos de mim. As palavras que escrevi no meu diário eram inscritas em segredo. Aquelas eram palavras que raramente compartilhava com minha família, palavras que escondia ainda mais quando meu pai me perguntava sobre o que era que escrevia tanto. Eu teria que ler e depois traduzir o que havia lido. O inglês que ele e minha mãe me encorajaram a falar com perfeição também contribuiu para o aumento da distância entre nós.

Um dia, em uma aula teórica, a verdade me tomou de golpe: eu não era apenas uma menina negra, mas uma menina haitiana. Pela primeira vez desejei estar em casa, e minha casa era um monte de gente, uma cultura que eu conhecia pelo nome e aceitava pelo seu valor reconhecido, mas não conhecia intimamente. Utilizando o verso das páginas do despertar de Johnson, eu fiz uma ligação mental para minha mãe, imaginando que somente ela seria capaz de explicar porque eu não falava a língua de ninguém. Eu fiz a ligação e ouvi a minha própria voz me perguntar porque eu não tinha uma forma de *falar* com a minha mãe sobre o meu luto e tudo aquilo que me rasgava por dentro.

Eu não estava culpando a minha mãe, eu estava buscando uma língua materna. Até eu me surpreendi com as palavras que escrevi no fim do livro de Johnson. Eu estava admitindo que minha mãe e eu não falávamos a mesma língua e, ainda assim, eu sabia que era uma barreira linguística minha, não dela, que nos impedia de entendermos uma a outra. Eu queria encontrar uma ponte; eu queria aprender a falar uma língua esquecida.

Agosto de 1997, trecho do meu diário: Eu sempre tive problemas linguísticos, sempre senti que minha voz deixa muito espaço para problemas de entendimento, interpretação. Ter que sempre negociar quando e onde usar minha voz, por vezes, deixou coisas importantes sobre mim não ditas. Eu penso na Billie Holiday com todos os seus problemas, vivendo em fragmentos, se despedaçando, sussurrando “silêncio, não explique”<sup>5</sup>. Não ter que me explicar ou criar novas ficções sobre quem eu sou ou o que eu quero é o que procuro, como Billie. Mas nos meus diários eu continuo tentando explicar a mim mesma, minha família haitiana e nosso lugar neste país. Antes de ir para a faculdade, minha mãe me perguntou quando eu iria visitar o “meu país”. Levou um tempo para eu entender que ela estava falando sobre o Haiti, o lugar de onde todos nós migramos quando eu tinha cinco anos de idade. Até aí, eu nunca havia pensado no Haiti como um lugar para o qual as pessoas voltam. Ele nunca era mencionado, exceto como o local do qual as pessoas saem ou foram obrigadas a ir. Minha mãe raramente falava sobre as filhas que ela tinha deixado no Haiti, irmãs que eu raramente lembrava ou não lembrava. Em toda minha vida, o Haiti parecia um local mais distante e mítico que a África perdida dos afro-americanos. Eu nunca neguei ter nascido haitiana, mas também me fazia sentido me considerar afro-americana. Afinal de contas, o Haiti está nas Américas e sou afrodescendente. No entanto,

---

<sup>5</sup> Trecho da música *Don't Explain*, da cantora negra norte-americana Billie Holiday, reconhecida por “cantar sua alma”.

eu sabia mais sobre a afro-América do que eu sabia sobre o Haiti. Durante a faculdade, eu busquei uma formação em literatura, história e cultura afro-americanas. E eu acreditei erroneamente que ser haitiana não exigiria um estudo formal ou uma investigação sobre a minha origem. O Haiti estava no meu nome e no meu lar. No entanto, eu ia embora para cada vez mais longe de casa e ainda não sabia como voltar e escolher o que levar de lá e o que deixar ir. Uma crise era inevitável - e como eu estava estudando linguagem e palavras, minha crise veio na sala de aula. Depois de todos estes anos, eu ainda não tinha uma língua própria. Eu teria que voltar à minha origem, ainda que eu não quisesse que a acadêmica em mim tornasse meu dilema pessoal em um tema de pesquisa. Esta jornada aconteceria por meio de minha mãe. Eu tinha que, humildemente, renunciar meus privilégios acadêmicos para ver o que os meus poderiam me oferecer - se eu pedisse. Para começar a consertar meu problema linguístico, eu tive que fazer o impossível: voltar para casa e “entrar no mesmo rio duas vezes”<sup>6</sup>. Eu havia ido embora para conseguir um diploma e agora eu queria voltar. Eu sabia que isso soaria uma maluquice para aqueles com aquele sotaque, que frequentemente tinham que pedir aos seus filhos que os traduzissem ou os acompanhassem em reuniões onde era exigido um “bom” inglês. Na minha família, voltar nunca pareceu uma opção. Voltar para casa sem um diploma era inimaginável. Por todo o trabalho duro que meus pais deram, eles precisavam que os filhos do novo país fizessem coisas que eles apenas imaginaram fazer. Eu fui a primeira dos novos, a quinta filha dos meus pais, mas a primeira que eles tiveram juntos. Eu tinha que ser mais que o que a Quinta Avenida, o Sunset Park, o Brooklyn me permitiam ser e superar seus sonhos tímidos.

Uma vez fiquei me perguntando se minha mãe alguma vez teve outros sonhos que não envolviam ser a cuidadora de uma enorme família fragmentada. Eu me perguntava se ela constantemente falava consigo mesma como eu falava comigo mesma sobre o meu futuro, sobre o caminho que eu queria escolher ao invés daquele que era esperado para mim. Eu temia o que poderia descobrir se o fizesse; era mais fácil planejar secretamente o meu futuro que perguntar a ela sobre seus sonhos de menina.

Eu sabia que meu pai confundia as escolas estadunidenses com aquilo que ele se lembrava das escolas haitianas. No seu Haiti, a escola era reservada para poucos. Eu sabia que meu pai nunca perdoou o pai dele por forçá-lo a abandonar sua educação formal para trabalhar. No início do meu último ano do ensino médio, com amor e respeito, meu pai me sentou e disse “Sophia, você pode ir à universidade que quiser.” Meu coração se apertou e eu disse “Posso?” Ele tomou minha mão na dele e disse, “Sim, qualquer universidade no Brooklyn, Manhattan, Queens, qualquer lugar que o ônibus ou o trem possa te levar.” Meu coração se contraiu. O mundo que eu desejava era maior que os cinco bairros que meu pai acabava de me ofertar.

Eu me inscrevi para universidades bem mais distantes e forjei a assinatura dele e a da minha mãe onde foi necessário. Na primavera, eu recebi uma carta de aceite da universidade que era minha primeira escolha, em Boston, e entendi isso como um sinal de que eu deveria mesmo partir. Compartilhei a boa notícia

---

<sup>6</sup> Referência ao pensamento do filósofo grego Heráclito de Éfeso, que aponta para a impossibilidade de entrar no mesmo rio duas vezes, em virtude da mudança ocorrida no rio e naquele ou naquela que retorna.

com meus amigos e professores. Para não ter como desistir, contei a minha mãe. Eu precisava que ela estivesse ao meu lado para reunir as pessoas da minha família e falar em minha defesa. Mas ainda era eu quem falaria com meu pai sobre a minha decisão de deixar sua casa e ir além dos perímetros que ele havia estabelecido.

Quando contei, passaram-se dois meses até que ele falasse comigo novamente, mas quando o fez, me deu seu consentimento. Nós nos sentamos em sua sala e ele me disse que sabia que eu era uma boa menina, que eu iria à universidade para estudar e progredir. Eu concordei. Eu havia vencido. Afinal de contas, eu fiz algo que poucas garotas haitianas da minha idade haviam feito: eu fui ao meu baile de formatura e, por sugestão de meu pai, dormi na casa da minha melhor amiga para evitar voltar para casa tão tarde naquela noite. Foi só quando eu consegui dormir fora de casa - cuja resposta antes era um sério “de jeito nenhum” - é que eu entendi minha vitória. Meu pai e minha mãe estavam me deixando ir embora.

Se eu não sabia como falar com minha família antes, eu certamente não poderia fazê-lo agora. Eu nunca aprendi a falar com a minha família de guarda baixa, sem estar sempre preparada para contra-atacar o “não” de meu pai de alguma maneira. Não, o *Iln'y a pas de text* não poderia explicar minha estrangeiridade naquele primeiro ano fora de casa, nem poderia explicar o lugar que meus pais chamavam de Quinta Avenida no Brooklyn, mas que eu conhecia como Sunset Park. Naquele momento eu queria fugir do fato de nunca saber o que de fato eu era capaz por ser negra, por ser haitiana, por ser pobre. Aquele desejo avassalador me acompanhou pelos anos escolares. Mas de repente, na faculdade, eu precisava falar com minha mãe sobre o que significava ter escapado. Eu queria falar com ela sobre aquilo que eu passei a vida inteira fugindo: sua impotência.

Em uma de minhas incursões contra minha família, minha mãe me perguntou uma vez, “Se nós somos essas coisas horríveis, o que você é?” Só agora eu posso dizer, eu sou a minha mãe. Eu sou o meu pai. Eu sou a Quinta Avenida - também conhecida como Sunset Park - no Brooklyn. E, para fazer o que a vida e a faculdade exigem de mim, eu preciso fazer as pazes com tudo isso. Eu preciso aprender a falar com uma parte diferente de mim.

Eu já não escrevo cartas não enviadas para minha mãe. Eu ligo para ela e digo coisas que eu não sabia que poderia dizer. Entre os anos de 1995 e 1996 na faculdade, eu procurei pessoas haitianas fora da minha família. Em toda minha vida eu nunca tive uma amiga haitiana. Eu decidi voluntariar meus sábados pela manhã juntamente com outra mulher haitiana para a mentoria de meninas haitianas que me lembravam a mim mesma. Olhando para trás, eu me perguntei o que os grandes pensadores como Derrida, De Man, Foucault<sup>7</sup>, ou a própria Johnson poderiam dizer que não parecesse uma zombaria de mim, das coisas que eu havia feito, ou da busca circular que eu estava e sempre estive por uma língua. Como eles poderiam contribuir para o que eu sabia sobre viver nas sombras,

---

<sup>7</sup> Jacques Derrida, Paul De Man e Michel Foucault são intelectuais franceses de um movimento filosófico que se iniciou na década de 1960, intitulado pós-estruturalismo. Na impossibilidade de debruçarmo-nos sobre o movimento em si, importaria mencionar que as proposições teóricas trazidas pelo movimento e, em alguma medida, pelos autores que ela aponta, impactaram diretamente a forma como a linguagem é pensada, mais precisamente, segundo James Williams “como uma ruptura de nosso senso seguro do significado e referência na linguagem (...) e de nosso entendimento da linguagem como algo livre do trabalho inconsciente” (WILLIAMS, 2012, p. 16).

fendas, morrendo a cada vez que me refazia, sobrevivendo em abismos ou esperando fazer daquela marca elíptica um espaço para entrar. Existem pessoas cujos espíritos são destruídos por não serem capazes de dominar uma língua, pessoas como meus pais, por exemplo. Eles falam inglês com um sotaque fortemente marcado e, às vezes, precisam usar das vozes de seus filhos ao invés das suas. Eles não falam sobre suas experiências, mas esperam que seus filhos nivelem as coisas no futuro e as tornem justas. Talvez minha mãe tenha me colocado no mundo para que eu pudesse fazer todas as coisas que ela nunca fez. Só agora, que eu aprendo a falar palavras esquecidas, começo a compreender sua bravura. Mesmo entre novos amigos haitianos, alguns que encontrei em Boston e outros que conheci enquanto passava horas na mais bela praia do mais belo mar haitiano, me encontro melancólica; por ela e por mim mesma. Talvez, para que as coisas realmente sejam justas, eu preciso aceitar minha própria versão do Haiti, para me tornar minha própria filha haitiana.

### Home is...

I've thought about going home, collapsing into my mother's arms and asking her, without speaking, to comfort me, to tell me that the bad world won't get me. But I know that if I go home—yeah, she'll hold me for a few seconds, but then she'll let out a sigh, with that look in her eyes, that look of decades of working, and worrying and she'll say, "Daughter, since you've been gone ..." beginning her own narrative before I can say, "Manman, I'm tired of being alone. I don't speak their language. They don't understand me." But then I would remember that our vocabulary never included words to explain my loneliness or my sense of fear and if I suddenly started crying because of an unspeakable loss, she would offer to do whatever she could to make me "happy" again. In the end I would say "I'm fine really. That was nothing. I'm just tired." In this way, our vocabulary never expanded. I would take a deep breath and suck in the tears, the fear, and the reason why I came home in the first place, and listen to her instead. Afterward, I would prepare to go back to the world, still feeling lost and alone despite her promise to pray for me and a reminder to keep the Notre Dame amulet on me always. I would go back into the world with the overwhelming desire to turn around and say "Manman, I still don't speak their language." But home and my mother's arms were always beyond reach and unable to hold me for very long because we had never really developed a vocabulary to discuss what was asked of me.

I wrote these words on the back page of Barbara Johnson's *Wake of Deconstruction* on October 16, 1994, during my first semester in graduate school. Suddenly, in a theory class about language, I found myself without a true language of my own. In previous environments, ones that called for a different English, I had responded by code switching, quickly learning the jargon and hastily falling in line. This was an invaluable skill and one that I knew, even as early as seventh grade, could push me beyond the limitations of Fifth Avenue, Brooklyn—where I grew up the daughter of Haitian immigrants— to the halls of higher learning at Tufts University. Of course, there was a sacrifice. Only years later would I seriously think about what my sacrifice had been: my mother tongue. I wasn't sure if that language was Kreyol. I just knew I needed to speak something that had eluded me for years. English was not my mother tongue, but I made myself believe it was. I could not remember a time when I didn't speak English. *Il n'y a pas de*



*text*. There is no text. This small French sentence had become all the rage. I had lived with this concept my whole adult life and suddenly I didn't want to anymore. *Il n'y a pas de text* seemed to clash with my translation of the French words on the Haitian flag: L'union fait la force. In union, there is strength. I set about writing myself into being. Going through the journals and letters I've written over the years, I see myself expressing over and over the same anxiety about language, the quest to maintain some essential part of myself while shape-shifting and searching for total fluidity. Making simultaneous translations for myself of everything from ways to speak to my mother to the creed on Haiti's flag, I felt myself floating between fragments that I was always rearranging. To keep track of these fragments, I kept journals. I believed then and now that the written word, in whatever form, would ground me and make my fragmented self-whole. The words I wrote in my journal were inscribed in secret. These were words I rarely shared with my family, words that I hid even harder once my father asked to know what it was that I was always writing about. I would have had to read it to him and then do the translation. The English that he and my mother had encouraged me to speak and perfect also helped to increase the distance between us. The truth hit me in theory class one day: I was not just a black girl but a Haitian girl and for the first time I longed for home and home was a bunch of people and a culture I knew by name, accepted at face value, but did not know intimately.

Using the back pages of Johnson's *Wake*, I sent a psychic call to my mother, imagining that only she could explain why I didn't speak anybody's language. I sent out the call and heard my own voice ask why I didn't have any way to speak to my mother about my loss and all that was tearing at me. I was not blaming my mother but searching for a mother tongue. I had surprised even myself with the words I'd scribbled out of frustration and fear in the back of Johnson's book. I was admitting that my mother and I did not speak the same language and yet I knew that it was my language barrier, not hers, that kept us from understanding each other. I wanted to find a bridge; I wanted to learn to speak a forgotten tongue. August 1997 Journal Entry: I have always had language issues, have always felt that my voice leaves too much room for misunderstandings, misinterpretations. Having to always negotiate when and where to use my voice often left important things about me unsaid. I think of Billie Holliday with all her problems, living in fragments, breaking down and whispering "Hush now, don't explain." Not having to explain myself or create whole new fictions about who I am or what I want is what I long for, like Billie. But in my journals I keep trying to explain me, my Haitian family, and our place in this country.

Before I started graduate school, my mother asked me when I was going to visit "my country." It took me a moment to realize that she meant Haiti, the place we had all migrated from when I was five years old. Until then, I had never realized that Haiti was a place that people returned to. It was never spoken of except as a place people left or from which they had to be sent for. Rarely did my mother talk about the daughters that she had left behind in Haiti, sisters I remembered vaguely or not at all. All my life, Haiti had seemed an even more distant, mythical place than the lost Africa of African Americans. I never denied being Haitian-born, but it also made sense for me to be considered an African American. After all, Haiti is in the Americas and I am of African descent. Only I knew more about African America than I did about Haiti. In graduate school, I was

pursuing formal training in African-American literature, history, and culture. I had mistakenly believed that being Haitian didn't require formal study or inquiry. Haiti was in my name and in my home. Only I kept going farther and farther away from home and I hadn't yet learned how to go back and choose what to hold on to and what to let go of. A crisis was inevitable—and since I had been studying words and language, my crisis came in the classroom. After all those years, I still did not own a particular language. I had to go back to my beginning, yet I didn't want the academic in me to turn my personal dilemma into research. This journey was going to come by way of my mother. I had to humbly step down from my scholarly perch to see what my people could give me—if I asked. To begin fixing my language problem, I had to do the impossible, return home and "step in the same river twice." I had left home to get a degree and now I wanted to return. I knew it would sound crazy to people who spoke heavily accented English, who often had to ask their children to translate for them or accompany them on appointments that required "good" English. In my family, going back never seemed to be an option. Going back home without a degree was unimaginable. For all my parents' hard work, they needed the children of the new country to do things they'd only dreamed of. I was the first of the new, the fifth child of both my parents but their first together. I had to do more than Fifth Avenue, Sunset Park, Brooklyn allowed and surpass their tentative dreams.

Once I caught myself wondering if my mother ever had dreams that didn't include being the caretaker of a large splintered family. I wondered if she constantly talked to herself like I talked to myself about my future, about the path that I wanted to choose for myself instead of what was expected of me. I was afraid of what I would find out; it was easier to plan in secret for my future than to ask her about her hopes as a girl. I knew my father conflated U.S. schools with what he remembered of Haitian schools. In his Haiti, school was reserved for the selected few. I knew that my father never forgave his father for forcing him to stop his formal education in order to work. At the beginning of my senior year in high school, out of love and duty, my father had sat me down and said, "Sophia, you can go to whatever college you want." My heart had contracted and I said "I can?" He took my hand in his and said, "Yes, any college in Brooklyn, Manhattan, and Queens, anywhere the bus or the train can take you." My heart had plunged. The world I wanted was bigger than the five boroughs my father offered me. I'd worked on my applications to faraway colleges at school and forged his and my mother's signatures where necessary.

In the spring I received a letter of acceptance from my first choice university in Boston and took that as a sign that I was meant to leave. I'd shared the good news with my teachers and friends. So I wouldn't back out, I'd told my mother. I needed her on my side so she could rally the various family members to speak on my behalf. I still had to be the one to tell my father of my decision to leave his house and go beyond the perimeters he had set for me. Once I'd told him, two months passed before my father spoke to me again, but when he did he gave his consent. We sat down in his room and he told me that he knew I was a good girl, that I was going to school to study and better myself. I agreed. I had won. Afterward I did something that few Haitian girls my age did: I attended my senior prom and at my father's suggestion arranged to sleep over at my best friend's house to avoid traveling alone late that night. Only when I got to sleep away from home—a serious no-no— did I understand my victory. My father and mother were

letting me go. If I didn't know how to speak to my family before, I certainly couldn't speak to them now. I'd never learned how to talk to my family without being on guard, without always preparing to counteract my father's No in some way. No, *Il n'y a pas de text* could not explain my foreignness that first year away from home, nor could it explain the place my parents called Fifth Avenue, Brooklyn but I knew as Sunset Park. Back then I wanted to escape the fate of never knowing what I was capable of because I was black, because I was a Haitian girl, because I was poor. That overwhelming desire sustained me through the college years. But in graduate school, I suddenly needed to talk to my mother about what it meant to actually escape. I wanted to speak to her of what I had spent my whole life unconsciously running from: her powerlessness. During one of my tirades against my family, my mother once asked me, "If we are these terrible things, then what are you?" Only now can I say, I am my mother. I am my father. I am Fifth Avenue— also known as Sunset Park—Brooklyn. And to do what life and graduate school requires of me, I need to make peace with that. I need to learn to speak with a different part of myself. I no longer write unmailed letters to my mother. I call her and tell her things I didn't know I could say. During the 1995-96 school year, I went looking for Haitians outside of my family. My whole life I'd never had one Haitian friend. I decided to volunteer my Saturday mornings with other Haitian women mentoring Haitian girls who reminded me of myself. Looking back I wondered what, if anything, the great thinkers like Derrida, De Man, Foucault, or Johnson could say that didn't seem to mock me and the things I had done, the circular search I had been on, had always been on, in language. How could they account for what I knew about living in shadows, in crevices, dying each time I remade myself, surviving in gaps or waiting on that one elliptical mark for a space to enter.

There are people whose spirits are destroyed by not being able to conquer a language, people like my parents for example. They speak in heavily accented English, and must sometimes use their children's voices instead of their own. They do not get to talk about their experiences but hope that their children will even things out in the future and make them right. Perhaps my mother had given birth to me so that I could do all the things that she never did. Only now, as I learn to speak forgotten words, am I beginning to understand her bravery. Even among new Haitian friends, some encountered in Boston and others while I spent hours on the prettiest Haitian beach, in the prettiest Haitian sea, I find myself mourning, for her and for myself. Perhaps to really make things right, I have to accept my own version of Haiti, to become my own Haitian daughter.

## Referências

CANTAVE, Sophia. Home is... In: DANTICAT, Edwige. *Butterfly's Way: Voices From the Haitian Diaspora in the United States*. New York: Soho Press. n.p. Edição do Kindle, 2001.

COSTA, Tácito. "Entrevista com a escritora Edwidge Danticat". Substantivo Plural (site). 2010. Disponível em: <<http://substantivoplural.com.br/entrevista-com-edwidge-danticat/>>. Acesso em: 08 mar 2021.

FRANCISCO, Camila Rodrigues. *Trajetórias em diáspora: a experiência de estudantes haitianas de Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

HARRIS, Leila Assumpção. História e memória na literatura diaspórica de Edwidge Danticat. In: HARRIS, Leila Assumpção. (Org.) *A Voz e o Olhar do Outro*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2010.

SANTOS, Lorena Sales dos. *Crescer nas Margens: Diáspora, Migração e Movimento nas Obras de Conceição Evaristo, Edwidge Danticat e Jamaica Kincaid*. Tese (Doutorado em Literatura), Universidade de Brasília, 2015.

WILLIAMS, James. *Pós-estruturalismo*. Tradução de Caio Liudvig. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

#### **Nota Biográfica**

**Camila Rodrigues Francisco** é doutoranda em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e membra do Coletivo de Pesquisadoras e Pesquisadores Negros Neusa Santos.

E-mail: cfmilarodrigues@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9867-9095>

**Recebido em:** 31 de março de 2021

**Aceito em:** 14 de junho de 2021